



THE LIFE
Insurance Company
OF VIRGINIA
Terry
MONTREAL, CANADA

ROUPAS BRANCAS

Matias Corbett*

A praia estava tomada de gente. Corpos indo e vindo para onde quer que olhasse. Em meio à maresia e o barulho manso de ondas quebrando, havia uma sensação de alegre ansiedade. Certamente havia muitos tons à sua volta, sempre quentes e vivos, mas o que mais se viam eram roupas brancas. Roupas brancas, muitas bebidas, fogos de artifício, pulseiras, colares, penduricalhos e trocas de olhares. Ao longe, vez ou outra, alguém gritava, “Cinco minutos!” Roupas brancas.

Roupas brancas passavam pelo corredor frio e gélido. “Por que faz tanto frio nos hospitais? Tanta gente de branco passando, mas ninguém pra nos falar nada. Que inferno! O que se precisa fazer por aqui para ser notado?”

“Calma, não vai ficar pior que eu.”

“Já estamos aqui há pelo menos trinta minutos e ninguém mais apareceu, não tem uma alma que venha falar para nós qualquer coisa! Qualquer coisa mesmo!”

“Vai ficar tudo bem.”

Roupas brancas passavam pelo corredor do lado da porta.

Roupas brancas. As pessoas falam alto. Muito alto. Uns gritam qualquer besteira. Outras se beijam. Garrafas de champagne e taças de cristal; outras muitas, de plástico mesmo. Muita vodca, cigarros, grupos e mais grupos de amigas, famílias e um ou outro perdido completo. Ao seu lado, um homem peludo, sem graça e sem camiseta grita para todos e para ninguém – “Três minutos!” Roupas brancas.

Roupas brancas chegam em comitiva e param diante deles.

Falam por trás de suas máscaras frias e idênticas. Surgem uns nomes estranhos, usam palavras grandes, dessas com mais de três sílabas. Não entendemos muito bem e diz aqui nessa papelada que vai ter que pagar pelas refeições em caso de internação.

“Tem que pagar pelas refeições?” disse debilmente, como que procurando palavras, mas encontrando muros e socos.

... “Como? Desculpa?”

“Tem que pagar pelas refeições?” suas palavras despencavam na escuridão.

“O acompanhante, sim. Como eu dizia, há uma obstrução da artéria, o senhor precisa ser internado imediatamente ou corre risco de ter um infarto.”

Conhecia essa palavra, conhecia-a bem. Toda família do seu pai conhecia muito bem essa palavra que se repetia por gerações, por diferentes bocas clínicas e sem tato. Infarto.

“Mas ontem ele me ajudava ... ontem mesmo ele me ajudava a...”

“Não fique assim. Não precisa, tudo vai ficar bem. Te peço de coração, meu filho, não chore essas lágrimas que me cortam.”

“Ontem mesmo ele me ajudava a arrumar o portão de casa. Ele ria e eu pedia para ele não ficar fazendo tanta força daquele jeito, segurando o portão. Infarto.” Roupas brancas.

Roupas brancas. As pessoas estavam eufóricas e havia uma coisa qualquer de alegria de se estar viva permeando as trocas, bocas e os olhares. Em diferentes grupos, de diferentes formas e em tons variados se escutava um burburinho de que faltava um minuto. Faltava tão pouco. É dar um oi aqui, beber uma

* Doutor em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal de Santa Catarina; bolsista CNPQ. E-mail: matias.corbett@gmail.com.

coisinha ali e já se está quase que lá; minutinho. Entre os segundos furtivos, havia uma vontade de recomeço, de retorno, mas também de novos ares e mares. Cada vez mais pés chegavam perto do mar e das marolinhas que beijavam os dedos para logo em seguida rolar de volta para o tempo. Roupas brancas.

Roupas brancas. Roupas brancas aguardam no balcão enquanto conversam entre si. Esquecem ou tentam esquecer que só hoje já se foram três. Não era uma semana boa. Conversávamos você e eu, mas era como se eu não estivesse lá. Eu tentava agarrar inutilmente as lembranças que tinha de nós. Você me ensinou a dirigir com onze anos! Como você é tão sem noção assim? Mas o que eu mais queria era estar lá de novo, dirigindo com você do meu lado falando, “Não disse que qualquer um consegue dirigir!?” Eu ainda dirijo aquele carro com você. Eu e você. Você liga o ar-condicionado do carro, mas ele não funciona. Você arranca o painel do carro e começa a mexer em todos aqueles fios que chegam e saem do ar-condicionado. Você começa a ser incorporado por aqueles fios. Os fios pela sua pele. Fios em seus pulsos. Os fios no seu nariz, do ar. Eu não dirijo mais com você. Só eu. Sua máquina bipa, pulsa e percorre picos e declives. Sua máquina bipa. Bipa.

E então para.

Ontem mesmo você me ajudava no ar do portão. No portão. Eu estou sem ar. Estou sozinho no carro. Os fios estão soltos pelo painel arrebatado do meu coração. Roupas brancas põe suas mãos frias e distantes sobre minha cabeça que se afunda em suas mãos frias e sem vida. Não há mais carro, você e eu, suas mãos despulsadas e inertes já não podem enxugar minhas lágrimas. Queria só mais um minuto com você. Segundos com você. Queria te ver, ouvir sua voz, sentir sua presença. Roupas brancas.

Roupas brancas. Ondas de alegria, união e esperança avançam pela multidão. Garrafas são abertas. “Dez!” Bocas gargalham e taças borbulham. “Nove!” Olhos se fecham e rezas são compartilhadas. “Oito!” Promessas, objetivos e vontades tomam conta das rodas. “Sete!” Abraços e mãos dadas. “Seis!” Beijos e carícias. “Cinco!” Olhos nos olhos, ombros com ombros. “Quatro!” Um ou outro fogo de artifício e rojão explode prematuramente. “Três!” Há como que um transe coletivo. “Dois!” Escuta ao seu lado, “te amo, quero estar sempre ao seu lado.” “Um!” Bipa. Bipa. Gritos. Bipa.

Bipa.

As coisas estão longe. Todo aquele alvoroço delicioso de repente está silencioso.

A linha reta e o barulho ensurdecido do piii. Há apenas a carcaça do carro, estou sozinho dentro dele. Então os fios do ar formam um grande emaranhado que sai do carro. Seguro eles e vou acompanhando seu trajeto. Escuto sua voz. Vejo imagens suas de relance, seu rosto aparece e some. O trajeto dos fios sobe bruscamente. Olho para cima para ver até onde vão. A explosão multicolorida de um fogo de artifício me traz de volta. Você está diante de mim.

“Oi, pai. Vamos ali...tá tudo bem? Você tá chorando?”

“Não é nada. Estou ótimo, tá tudo bem. Tava dando um oi pro vovô.”

Roupas brancas.